



LIVRO 47 - O PRÍNCIPE, O CAMPONÊS E OS DOZE GRÃOS DE MILHO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história que se passa no REINO AMARELO, um reino onde a riqueza não era ouro, prata e pedras preciosas. A riqueza estava na produção do milho produzido com fartura e qualidade. O reino era regido pelo Rei Eduardo e a Rainha Sílvia. O reino era muito próspero e todos viviam bem. O Rei Eduardo era muito humano e justo e contava com a lealdade e dedicação de todos os seus súditos. O casal real tinha dois filhos - a Princesa Lídia, amada pelos súditos por seus trabalhos sociais, e o Príncipe Cláudio, arrogante, insensível e odiado pelos súditos, que apenas se divertia e não exercia nenhuma atividade útil ou produtiva. Com a morte do casal real, o Príncipe Cláudio torna-se o novo rei. E o REINO AMARELO passou por terríveis transformações sob o seu reinado e os súditos conheceram o que era a pobreza e o sofrimento. O novo rei não incentivou mais a produção da maior riqueza do reino, o milho, gastando desordenadamente a riqueza acumulada nos silos. Quando o milho estocado acabou, ele se viu na pobreza. Por fim, o novo rei se viu obrigado a vender o castelo para um camponês muito trabalhador e perseverante, que fez fortuna plantando os dozes grãos de milho recebidos como esmola do outrora arrogante príncipe. Este camponês comprou o castelo, casou-se com a Princesa Lídia, que foi proclamada a nova Rainha do REINO AMARELO. E a paz e prosperidade voltaram ao reino. Quanto ao agora súdito Cláudio, a história reserva uma surpresa no final.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Era uma vez um reino chamado **REINO AMARELO**.

Lá não havia riqueza em ouro, prata ou pedras preciosas, como se podia encontrar em outros reinos vizinhos.

O nome de **REINO AMARELO** vinha de outra riqueza - o milho.

Em nenhum outro reino se plantava milho na fartura, na qualidade e na quantidade como era plantado no **REINO AMARELO**.

E em razão da cor amarela do milho, o reino recebeu este nome.

Mas, havia outro grande motivo para a riqueza do **REINO AMARELO** - a dedicação no trabalho e a fidelidade de todos os camponeses súditos do reino.

Os camponeses cuidavam dos vastos campos de plantação do milho com muito carinho e motivação. Eles eram felizes e, assim, o reino prosperava.

E isto se devia ao grande espírito de humanidade e respeito ao próximo que o Rei Eduardo e a Rainha Sílvia tinham pelos seus súditos.

Eles reconheciam o trabalho árduo dos camponeses e procuravam retribuir esta dedicação dando-lhes um justo pagamento pela produção de milho.

E havia, ainda, outra razão para esta riqueza - a Natureza. Ela era muito generosa. As terras eram férteis. O sol brilhava no **REINO AMARELO** todos os dias e chuvas refrescantes regavam as plantações na parte da tarde. Assim, o plantio e a colheita do milho podiam, geralmente, ser feitas duas vezes ao ano.

Os camponeses vendiam toda a produção para o Rei Eduardo. O Rei Eduardo, por sua vez, vendia o milho para os reinos vizinhos.

Com o dinheiro da venda do milho, o Rei Eduardo comprava tudo que o **REINO AMARELO** não produzia no próprio reino.

Assim, todos que moravam no castelo e todos os camponeses súditos podiam encontrar nas lojas e oficinas de artesãos do reino tudo que precisavam para viver bem.

A produção era tanta que o Rei Eduardo mantinha no Castelo muitos silos para guardar os grãos de milho, que ficavam protegidos da chuva, dos ventos e de animais.

A cada colheita, o Rei Eduardo guardava em um galpão especial os melhores grãos de milho para que fossem usados como sementes.

Quando chegava a época do plantio, as sementes de milho eram distribuídas gratuitamente a todos os camponeses.

Várias vezes na semana, o Rei Eduardo gostava de subir na parte mais alta dos silos e admirar a riqueza do reino:

- Rainha Sílvia, veja a riqueza que temos armazenada aqui no castelo! Dizia o Rei Eduardo olhando do alto de um silo a grande fartura do milho estocado.

- É verdade! E eles se parecem e valem como se fossem grãos de ouro! Respondeu a Rainha Sílvia.

E este ciclo se repetia todos os anos. E a cada ciclo, o REINO AMARELO comemorava a colheita e um novo plantio com uma grande festa.

O Rei Eduardo e a Rainha Sílvia tinham dois filhos - o Príncipe Cláudio e a Princesa Lúcia.

A Princesa Lúcia dedicava boa parte de seu tempo para as obras sociais do REINO AMARELO.

Ela acompanhava a construção de escolas e hospitais, visitava os camponeses e suas famílias, dava assistência aos asilos e orfanatos.

A Princesa Lúcia era muito amada pelos camponeses súditos do reino.

Mas, o mesmo não acontecia com o Príncipe Cláudio.

Ao contrário do exemplo dado por sua irmã, o Príncipe Cláudio procurava dedicar o seu tempo somente para se divertir, passear a cavalo e caçar os pobres animais silvestres do reino.

E o Príncipe Cláudio gostava de dar muitas festas no castelo. E ele convidava somente os nobres do reino para as suas festas.

Quando passeava a cavalo pelos campos de milho, ele ordenava aos seus soldados para não permitir a aproximação dos camponeses. Ele não lhes dava nenhuma saudação e nem lhes dirigia uma única palavra.

Assim, o Príncipe Cláudio vivia somente os prazeres da vida, não exercendo nenhuma atividade produtiva ou útil para o reino.

Não era para menos que os camponeses súditos não gostavam do Príncipe Cláudio!

E no REINO AMARELO havia um camponês jovem, bonito, forte e inteligente. Ele se chamava Ademir e era uma pessoa muito simples e humilde.

Ademir tinha uma pequena área de terra e vivia em uma casinha simples feita de toras de madeira. Ademir cuidava do plantio de uma horta para sua sobrevivência e criava algumas galinhas e cabras. Assim, ele tinha diversas hortaliças, ovos e leite para sua alimentação.

Quando não estava cuidando da horta e de sua criação. Ademir se dedicava a fazer selas, arreios, chicotes, esporas e ferraduras para cavalos. Ele se tornou um especialista neste trabalho.

De vez em quando, o Príncipe Cláudio levava seus melhores cavalos para Ademir trocar as ferraduras, colocar uma sela nova ou fazer algum reparo nos arreios.

E, em uma destas ocasiões:

- Quanto lhe devo? Perguntava o Príncipe Cláudio após a realização do trabalho.
- Senhor, por todos os trabalhos realizados eu vou cobrar somente três moedas de bronze. Respondeu Ademir humildemente.
- Pois bem, eu lhe devo três moedas de bronze e você me deve três moedas de bronze em impostos. Portanto, não lhe devo nada! Respondeu o arrogante Príncipe Cláudio.

Todas as vezes que o Príncipe Cláudio levava seus cavalos para que Ademir fizesse algum serviço, a mesma cena se repetia. Ele nunca pagou nada para Ademir pelos serviços prestados, não se importando com o seu estado de pobreza.

Um dia, a Princesa Lídia precisou levar o seu cavalo branco preferido para que Ademir trocasse a sela marrom já desgastada. E ela queria outra na cor vermelha.

Ela ouviu falar que Ademir trabalhava muito bem com couro e sabia como dar cor às selas nas cores desejadas pelos donos.

E, neste dia, Ademir conheceu a Princesa Lídia pela primeira vez e ela, também, viu Ademir pela primeira vez.

Os dois ficaram parados, um olhando para o outro por um bom tempo sem dizerem nada. Eles se olharam carinhosa e profundamente, enquanto seus corações pulavam no peito de emoção.

Os dois sentiram o que era um verdadeiro amor à primeira vista.

Um pouco encabulada, a Princesa Lídia disse:

- Senhor Ademir! Bom dia! Tenho ouvido falar muito do senhor e da qualidade de seus serviços! Eu preciso que o senhor me faça uma sela nova para o meu cavalo, mas a quero na cor vermelha. Ele é todo branco e a sela vermelha vai deixá-lo mais lindo ainda!

- Bom dia, Alteza! Mas, por favor, não me chame de senhor! Sou seu súdito e farei a melhor sela na cor vermelha que puder fazer! Respondeu Ademir, também inibido e envergonhado com a presença tão importante de uma linda princesa em sua oficina.

A Princesa Lídia agradeceu e deixou o local acompanhado de seus soldados. Mas, na volta ao castelo, seu pensamento estava todo em Ademir:

- Que homem forte e bonito! Além disto, é um verdadeiro cavalheiro. Parece um nobre! Seus longos suspiros a traíam. Ela havia se apaixonado pelo jovem artesão Ademir!

Na oficina, Ademir permanecia parado, enquanto via a Princesa Lídia e seus soldados desaparecerem na estrada de terra rumo ao castelo:

- Que mulher tão gentil! Além de linda, ela me tratou como gente! Tem um grande coração! Seus longos suspiros também o traíam. Ele se apaixonara pela Princesa Lídia!

Mas, Ademir sabia que não podia nutrir nenhuma esperança neste repentino amor. Ao contrário, isto poderia lhe custar até a vida se o Príncipe Cláudio soubesse deste seu atrevimento.

- Como pode um pobre súdito artesão se apaixonar por uma princesa! Pensava Ademir, sentindo um aperto em seu coração. Este é um amor impossível e que nunca se realizará!

Passadas algumas semanas, a Princesa Lídia retornou à oficina de Ademir para buscar sua encomenda, pensando:

- Ah! Estou curiosa para ver como ficou a nova sela vermelha de Trovão!

Mas, seu coração não a deixava esquecer que ela estava alegre e emocionada em rever Ademir novamente!

Finalmente, ela chegou à oficina. De longe pode ver Ademir trabalhando duro, com seu rosto suado, seus longos cabelos negros caídos na face. Ele forjava um novo par de ferraduras e sentia o calor da fornalha.

- Bom dia senhor Ademir! Disse a princesa.

Ademir não havia notado a aproximação da Princesa Lídia e logo procurou limpar seu rosto molhado de suor e ajeitar os cabelos com as mãos.

- Bom dia, princesa!

- O senhor conseguiu fazer a sela vermelha do meu cavalo? Perguntou a princesa.

- Com certeza, alteza! Ela ficou a melhor sela que consegui fazer até hoje! Espero que a senhora goste!

- Por favor, não me chame de senhora! Pediu a princesa.

- Pois não, princesa. Mas, peço-lhe outro favor - não me chame de senhor! Respondeu Ademir.

Os dois riram discretamente, sob os olhares atentos dos soldados que faziam a escolta na filha do Rei Eduardo.

E a sela ficou simplesmente maravilhosa. Ela se ajustou muito bem nas costas de Trovão e tinha um vermelho vivo que contrastava com o branco total do magnífico cavalo.

- A sela ficou muito linda, senhor... quero dizer, Ademir! Muito obrigada! E qual é a paga por este excelente trabalho?

Ademir, a princípio, pensou em não cobrar nada. Mas, sentiu que isto não seria apropriado para o momento. E disse:

- São 10 moedas de bronze e duas moedas de prata, princesa.

A Princesa Lídia imediatamente ordenou a um de seus soldados que fizesse o devido pagamento. E se despediu de Ademir:

- Ademir, uma vez mais, muito obrigada por este seu belo trabalho. Com certeza o meu prazer será maior em passear com Trovão pelas estradas do reino. E, quem sabe, um dia nos cruzamos nestas mesmas estradas...

- Eu agradeço princesa pela honra de recebê-la em minha humilde oficina. Vá com a proteção de Deus e que Ele me faça cruzar seus caminhos um dia, também! Respondeu Ademir com a voz embargada pela emoção.

Os soldados que faziam a escolta da princesa tomaram posição de retorno, enquanto ela permanecia alguns minutos olhando o Trovão a certa distância. Ela admirava a beleza de seu cavalo com a nova sela vermelha.

Ao subir, a Princesa Lídia deixou cair seu lenço perfumado de renda à porta da oficina de Ademir. No lenço estavam gravadas suas iniciais - S.A.P.L.R.A. (Sua Alteza Princesa Lídia Rodrigues de Alcântara).

Ademir acompanhava lentamente a saída da princesa de sua oficina, dirigindo-se depois à porta para melhor vê-la galopando com Trovão na estrada de terra rumo ao castelo.

E, quando ela desapareceu na curva da estrada, ele se deu conta do lenço de renda que a Princesa Lídia deixara cair à sua porta.

- Será que ela deixou cair o lenço de propósito ou foi por acaso? Questionava-se Ademir.

Era costume na época as moças demonstrarem simpatia para os rapazes jogando seus lenços no chão para que eles os apanhassem.

Por isso, Ademir queria saber se a princesa deixou cair o lenço de propósito ou se foi por acaso.

O seu coração, porém, o levava acreditar que o lenço de renda perfumado, contendo as iniciais da Princesa Lídia, havia sido jogado de propósito!

Ademir pegou o lenço com todo o cuidado, o cheirou por várias vezes e o levou para guardar em uma gaveta.

Ele teria que devolver este lenço à princesa algum dia para ter a certeza que seu coração lhe dava...

Os dias que se seguiram foram de extrema alegria e felicidade para Ademir. De longe os seus vizinhos podiam ouvi-lo cantar alto, enquanto trabalhava vigorosamente, expressando sua alegria.

Os meses se passaram e Ademir não viu mais a Princesa Lídia.

Como lembrança, todos os dias ele pegava na gaveta o lenço perfumado jogado pela princesa, contentando-se com a lembrança que o perfume lhe trazia.

A grande festa da Primavera do REINO AMARELO se aproximava. Uma grande colheita estava sendo comemorada e um novo plantio de milho seria iniciado.

Todos os habitantes do reino se mobilizavam para a tão esperada festa. As ruas estavam ornadas com muitas flores. Muitas delas, feitas com espigas amarelas do milho colhido.

Havia muitas barracas de produtos feitos do milho, como pamonha, curau, bolo de fubá, milho cozido, suco de milho, glicose de milho, entre muitos outros.

Nesta festa, o REINO AMARELO recebia milhares de visitantes vindos de outros reinos.

E Ademir sabia que teria uma oportunidade de rever a Princesa Lídia e, quem sabe, devolver o lenço.

Como tradição da festa, a Família Real faria o desfile em carruagem pela principal estrada do reino.

Ademir procurou ficar bem à frente onde passaria o cortejo real, na esperança de ver e ser visto pela Princesa Lídia.

O suntuoso desfile começou. À frente das carruagens, vinham dezenas de soldados com lanças e bandeiras com as cores do reino. Eram bandeiras amarelas e verdes, com o brasão da Família Real. Ao centro do brasão uma espiga de milho simbolizava a verdadeira riqueza do reino.

As carruagens em tom amarelo ouro, com os bancos cobertos de veludo vermelho, vinham logo atrás dos soldados.

Na primeira carruagem, vinham o Rei Eduardo e a Rainha Sílvia. Na segunda carruagem, vinham o Príncipe Cláudio e a Princesa Lídia. E nas demais carruagens, vinham os nobres visitantes dos outros reinos.

O coração de Ademir batia forte como o barulho de seu martelo forjando o ferro. Dentro da carruagem, a Princesa Lídia procurava olhar todos os súditos, acenando para eles sem parar.

- Será que Ademir está por aqui? Não estou conseguindo vê-lo! Pensava.

E, realmente, nem Ademir viu a Princesa Lídia e nem ela o viu entre os milhares de súditos que se alinhavam ao longo do cortejo real.

Ela estava sentada do lado direito na carruagem e Ademir havia se posicionado do lado esquerdo da estrada. Não quis o Destino, naquela oportunidade, que os dois se vissem.

Os súditos aplaudiam e gritavam sem parar:

- Viva o Rei Eduardo! Salve a Rainha Sílvia! Viva a Princesa Lídia!

Mas, não se ouvia aplausos para o Príncipe Cláudio, que procurava se consolar com o pensamento: “Este povinho é muito ignorante e desprezível!”.

Uma vez mais, a festa foi um sucesso. Os súditos e os visitantes se fartaram com os todos os produtos feitos com o preciso cereal.

Ademir voltou desconsolado para a sua casa e, no dia seguinte, começava mais uma semana de trabalho.

Porém, seus amigos e vizinhos estranharam que ele já não cantava mais como antes...

Um dia, porém, Ademir teve uma surpresa. Um emissário do Rei Eduardo o procurou para um trabalho no castelo. A fechadura de ferro do portão principal havia se quebrado e precisava de reparos urgentes.

No reino não havia ninguém que pudesse fazer este conserto além de Ademir. Ele era o único súdito artesão que sabia trabalhar bem o ferro e forjar peças novas.

- Que sabe esta é a oportunidade para eu rever a Princesa Lídia! Pensou.

Ele procurou colocar sua melhor roupa e se apresentar bem limpo e penteado. Embrulhado cuidadosamente em seu bolso, ele levava o lenço da princesa.

No dia, Ademir foi recebido por um dos soldados do reino que, imediatamente, o levou ao local para o conserto da fechadura, como ordenara o rei.

Enquanto consertava a fechadura, Ademir olhava atentamente todos os movimentos das pessoas no castelo. Cada janela aberta poderia lhe trazer a imagem tão esperada da Princesa Lídia.

E, bem no alto de uma das torres, ele conseguiu avistar a Princesa Lídia. Ela tocava piano e seu vulto era visível pela janela de seus aposentos.

Mas, a Princesa Lídia não sabia da presença de Ademir e, assim, continuou seus exercícios de piano. Em dado momento, ela parou de tocar e fechou a janela.

- Será que ela vai descer ou passar pelo portão? Se isto acontecer, eu conseguirei vê-la! Pensou Ademir com todo entusiasmo.

Mas, para sua tristeza, a Princesa Lídia não apareceu e nem saiu do castelo naquela manhã.

Ao final do trabalho, o soldado avisou o Príncipe Cláudio que o artesão havia terminado o reparo da fechadura para que ele conferisse e fizesse o pagamento.

O Príncipe Cláudio pegou a chave grande do portão principal do castelo, abriu e fechou, certificando-se que a fechadura estava bem consertada.

- Quanto é sua paga? Perguntou ao Ademir.
- Senhor, são apenas cinco moedas de bronze! Respondeu Ademir.
- Muito bem, meu jovem. Você me deve cinco moedas de bronze em impostos e eu tenho que lhe pagar cinco moedas de bronze pelo trabalho. Assim, não lhe devo nada! Respondeu o Príncipe Cláudio, retirando-se do local com um sorriso sarcástico.

Ademir já esperava por esta reação do Príncipe Cláudio. Mas, o fato de ver em alguns momentos o vulto da Princesa Lídia em sua janela já foi para ele uma boa paga.

O tempo passou. E como o tempo passa depressa!

Ademir continuava com o seu trabalho no campo e na oficina. Ele não mais viu a Princesa Lídia.

Entretanto, ele nunca a esqueceu e todos os dias recordava de sua imagem segurando o lenço perfumado jogado pela princesa por vários minutos.

Mas, as notícias vindas do REINO AMARELO não eram nada boas.

O arauto real percorria as ruas do reino anunciando que o Rei Eduardo e a Rainha Sílvia não estavam bem de saúde. Ambos haviam contraído uma enfermidade muito grave.

Naquela época não havia rádio, televisão e nem jornais. Assim, as notícias eram dadas pelos arautos. Os arautos percorriam as ruas do reino, a pé ou a cavalo, transmitindo aos moradores, em voz alta, os principais acontecimentos.

Todos os súditos rezavam pela recuperação do rei e da rainha que tanto amavam. Por dois anos não houve a tradicional festa da primavera - a festa da colheita e plantio de uma nova safra de milho.

Todo o reino estava muito triste.

Mas, os camponeses procuravam fazer a sua parte, dedicando-se à colheita e ao plantio com a motivação e dedicação que sempre tiveram ao casal real.

E, infelizmente, em uma manhã chuvosa e céu cinzento, o arauto trouxe a notícia que ninguém queria ouvir:

- O Rei Eduardo e a Rainha Sílvia não resistiram à grave enfermidade e faleceram nesta madrugada!

Todos os súditos imediatamente se dirigiram à porta principal do castelo, ansiosos por mais notícias. E tiveram a confirmação. O REINO AMARELO não estava mais sob o comando do Rei Eduardo.

Os dias que se seguiram foram de muitas lágrimas e tristeza em todo o reino. Mas, como diz o ditado: “Rei morto, Rei posto!” e o Príncipe Cláudio foi proclamado o novo rei.

Os súditos não receberam esta notícia com muito entusiasmo. Ao contrário, temiam pelo destino e os rumos que o reino tomaria dali para frente. Eles não gostavam e não confiavam no Rei Cláudio.

E os sentimentos dos súditos do reino logo se confirmariam.

O Rei Cláudio tomou posse e julgando que nunca se esgotariam os estoques da riqueza em milho nos silos do castelo, começou a gastar o dinheiro da venda do milho de forma irresponsável.

Ele passou a dar pomposas e custosas festas no castelo, onde a comida e a bebida eram consumidas com grande desperdício.

E para manter este aumento de gastos, ele vendia mais e mais milho aos reinos vizinhos.

Quando chegou a época de um novo plantio, o Rei Cláudio teve uma reação que ninguém esperava. Ele não forneceu as sementes aos camponeses para que o plantio do milho fosse renovado.

- Eu já tenho muito milho estocado no castelo. Eu não preciso mais de milho! Dizia ele.

Sem as preciosas sementes, os camponeses não puderam fazer o plantio e foram abandonando os campos. Muitos camponeses se mudaram para os reinos vizinhos por falta de trabalho.

As terras abandonadas foram tomadas pelo mato e começavam a perder sua fertilidade.

A pobreza, a falta de produtos no mercado, a fome começou a tomar conta do reino.

Os súditos começaram a passar por muitas necessidades. Os camponeses não tinham o que plantar e os artesãos não tinham compradores para os seus produtos.

Assim, muitos súditos do REINO AMARELO começaram a abandonar suas casas, mudando-se para os reinos vizinhos.

Mas, no Castelo, o Rei Cláudio continuava com sua vida opulenta e de ganância. Enquanto isto, os estoques de milho nos silos diminuía a cada dia.

As relações entre o Rei Cláudio e sua irmã, a Princesa Lídia, se deterioravam. A Princesa Lídia discutia com o seu irmão e não concordava com a sua maneira de reinar e com suas decisões.

Ela o advertia sobre os riscos do REINO AMARELO se transformar em um reino de pobreza e solidão.

Mas, o Rei Cláudio a desprezava e, quando as relações chegaram a um ponto extremo, ele ordenou aos soldados que não deixassem sua irmã se ausentar de seus aposentos.

Em outras palavras, a Princesa Lídia passou a ser refém no castelo e permanecia todos os dias presa em seus aposentos, tendo como consolo somente o seu piano.

Ela não pode ver ou cavalgar mais no Trovão, que vagava pelos campos do castelo em busca de comida.

Ademir, como os demais camponeses, passava por necessidades. Ele não tinha mais trabalho como artesão. Ninguém o procurava para fazer selas, arreios ou ferraduras para os cavalos.

Ele sobrevivia graças a alguns ovos, verduras de sua horta e o leite de suas cabras. Isto era suficiente para ele. Porém, Ademir começou a dividir sua pequena produção com seus amigos que nada tinham para comer.

Com o tempo, também Ademir já não tinha o suficiente para a sua sobrevivência. Mas, ele não estava disposto a se retirar do REINO AMARELO.

Assim, pensou em pedir uma ajuda ao Rei Cláudio. Ele fizera muitos serviços para o Rei Cláudio e nunca foi pago pelos serviços prestados.

Ele imaginava que, agora, o Rei Cláudio lhe daria uma ajuda neste momento difícil que estava passando.

E Ademir resolveu procurar o Rei Cláudio no castelo e pedir-lhe ajuda.

O soldado levou seu pedido ao Rei Cláudio que respondeu:

- Os súditos têm que aprender que devem sobreviver agora às suas custas. Eles não podem depender do seu Rei! Mas, considerando tudo o que este camponês fez para o meu cavalo, dê-lhe doze grãos de milho!

- Doze grãos de milho, senhor? Perguntou o soldado, um dos poucos que ficaram no castelo.

- Sim! É o que eu posso oferecer no momento. Meus estoques de milho estão muito baixos! Respondeu o Rei Cláudio.

O soldado se retirou com os doze grãos de milho, enquanto o Rei Cláudio se balançava na cadeira preguiçosamente, rindo em deboche.

- Eis a contribuição do nosso rei! Disse o soldado para Ademir, colocando em suas mãos os doze grãos de milho.

Ademir baixou sua cabeça em sinal de tristeza e decepção e se retirou sem dizer uma única palavra. Em suas mãos, ele segurava com firmeza os doze grãos de milho que lhe foram dados.

No castelo, as serviçais deixaram o trabalho pela falta de pagamento da parte do Rei Cláudio. Ele não tinha mais à sua disposição mulheres para fazer a sua comida, lavar suas roupas, arrumar sua cama e fazer a faxina no castelo.

E sua pobre irmã foi obrigada a fazer todos estes trabalhos, tornando-se uma empregada do irmão. Se desobedecesse, poderia voltar a ficar presa em seus aposentos.

Os anos se passaram. O mato que tomava conta de todo reino chegava aos portões do castelo. O Rei Cláudio, confiando sempre na riqueza representada pelo milho nos silos, continuava sua vida de fartura e de inutilidade, descuidando-se do seu futuro.

Apesar do Rei Cláudio nunca imaginar, um dia todos os silos ficaram vazios! Não havia mais nenhum grão de milho que o Rei Cláudio pudesse vender para pagar as suas despesas.

Neste momento, o Rei Cláudio compreendeu que estava na miséria e sem nunca ter trabalhado, não sentia ânimo de atirar-se a algum trabalho que pudesse lhe dar um rendimento.

Tampouco, ele aprendera a fazer alguma coisa útil e produtiva. Ele vivera, até então, exclusivamente graças à riqueza que o seu pai, o Rei Eduardo, e os camponeses do reino haviam gerado.

Mas, agora, esta riqueza não existia mais!

O choro do Rei Cláudio ecoava em todo o castelo. Mas, seu lamento era ouvido somente pela pobre Princesa Lídia, a única que ainda insistia em permanecer ao lado do rei.

Os dias que se seguiram foram de muitas privações ao Rei Cláudio, agora pobre e abandonado por todos. A despensa de comida estava praticamente vazia. Na adega já não se encontrava mais os vinhos que o Rei Cláudio tanto gostava.

O Rei Cláudio experimentava pela primeira vez o que era passar necessidade e a fome rondava o castelo.

Os dias de sofrimento e angústia vividos pelo Rei Cláudio se estendiam e ele não encontrava nenhum caminho, nenhuma solução para o seu problema.

Um dia, o Rei Cláudio estranhou alguém estar batendo à porta do castelo. Isto não acontecia há muito tempo. E se apressou em ver quem era. Ao abrir a porta, deparou-se com um homem finamente vestido, montado em um cavalo preto, com uma sela na cor branca.

- Quem és, forasteiro? Se buscas por contribuições eu nada lhe posso oferecer! Disse o Rei Cláudio, ameaçando fechar a porta.

- Espere! Disse o homem.

E continuou:

- Eu vim lhe fazer uma boa oferta para a compra do castelo. Soube que o nosso rei está em dificuldades!

- Você, comprar o meu castelo? Ele vale muito dinheiro e não poderás pagar o seu preço! Respondeu o rei.

- Faça o preço! Disse o homem, confiante.

- O castelo poderá ser vendido por cinquenta mil moedas de ouro! Respondeu o rei.

- Pois concordo em pagar este valor à vista! Finalizou o homem.

O Rei Cláudio não acreditava no que estava ouvindo. Mas, se a proposta do forasteiro fosse verdadeira, com este dinheiro ele poderia viver o resto de sua vida, morando em uma luxuosa casa no reino. E, naturalmente, sem trabalhar! Afinal de contas, o castelo era muito grande para ele.

Mas, o Rei Cláudio ficou intrigado com aquele homem. Sua fisionomia não lhe era estranha. Ele tinha a certeza de tê-lo visto no reino em várias oportunidades.

Ainda um pouco desconfiado da proposta do desconhecido homem, o Rei Cláudio concordou com a venda do castelo:

- Traga as cinquenta mil moedas de ouro e eu lhe entregarei o castelo com tudo que tenho aqui dentro.

Após alguns dias, o homem voltou a bater na porta do castelo, montado em seu cavalo preto, acompanhado de um camponês que trazia uma arca de madeira, contendo as moedas de ouro.

Ao lado de seu cavalo preto, o homem trazia também um cavalo branco com uma sela na cor vermelha!

O Rei Cláudio atendeu a porta e se deparou com o homem que queria comprar o seu castelo.

- Estou aqui, senhor! Trago as cinquenta mil moedas de ouro conforme prometi. Disse o homem.

O Rei Cláudio pediu que entrasse, levando-o ao salão nobre do castelo. Lá, o Rei Cláudio espalhou as moedas de ouro em cima de uma grande mesa oval e passou a contá-las uma a uma.

O Rei Cláudio parecia uma criança que acabara de abrir seu cofrinho. Ele ria, contava, fazia montinhos com as moedas, jogava algumas para o ar e as apanhava novamente, rindo como um louco.

- Pois bem, concordo com a venda do castelo. Eu vou precisar somente de cinco dias para fazer minha mudança e encontrar uma nova morada no reino! Confirmou o Rei Cláudio.

O Rei Cláudio quis saber mais sobre aquele homem:

- Mas, quem é o senhor e como conseguiu acumular tamanha riqueza em moedas de ouro?

E o desconhecido homem, finalmente, se revelou:

- Senhor, na verdade, quem me ajudou a iniciar esta riqueza foi Sua Alteza!

- Como assim? Perguntou o Rei Cláudio surpreso.

- O senhor lembra-se do artesão que fazia serviços para o seu cavalo e que um dia, passando fome e necessidade, bateu à sua porta pedindo ajuda?

- Sim, agora eu me lembro! Respondeu o Rei Cláudio.

- Seu nome é Ademir, não é mesmo? Mas, como isto explica sua fortuna? Insistiu o rei.

E Ademir levou alguns minutos para contar a sua história e como saiu de uma situação de pobreza e dificuldades para se tornar um homem rico:

- Naquela oportunidade o senhor me deu doze grãos de milho. Eu voltei para casa, desolado e triste. Mas, ao abrir minhas mãos vi que os grãos de milho brilhavam como ouro. Chovia muito. Eu, então, eu resolvi plantar os doze grãos de milho. Após seis meses, colhi 24 espigas de milho. Cada espiga tinha por volta de 360 grãos de milho. Assim, na primeira colheita, consegui 8.640 grãos de milho. Como as chuvas continuavam abundantes, eu plantei estes 8.640 grãos de milho. Após seis meses, tive a segunda colheita que me rendeu 6.220.800 grãos de milho. Na terceira colheita, foram 4.478.976.000 grãos de milho! E, a cada ano, eu plantava todos os grãos de milho que conseguia na colheita anterior. Assim, pude contratar mais camponeses e plantamos milho por todos os campos abandonados.

Fazendo uma pausa e olhando fundo nos olhos do Rei Cláudio, Ademir finalizou suas explicações:

- Havia muita falta de milho nos reinos vizinhos e todos queriam comprar minha produção e pagavam em moedas de ouro! Foi assim, senhor, que acumulei minha riqueza, com os 12 grãos de milhos que recebi por sua generosidade!

O Rei Cláudio ouvia a história de Ademir com um misto de descrédito e surpresa.

- Bem, daqui cinco dias o senhor pode assumir o meu castelo! Disse o Rei Claudio.

E quanto à Princesa Lídia? Perguntou Ademir.

- O que sabes dela e por que perguntas? Quis saber o rei.

- Fui eu que fiz a sela na cor vermelha para o seu cavalo Trovão. Eu sei que ela ainda mora no castelo e gostaria de vê-la! Respondeu o homem.

- A Princesa Lídia irá comigo após a venda do castelo. Afinal de contas, ela cuida de todas as minhas coisas! Respondeu o rei.

- Mas, eu insito em vê-la senhor. Caso contrário, cancelaremos nosso negócio! Respondeu Ademir com firmeza.

O Rei Cláudio, receosos de perder a venda do castelo, pediu que a Princesa Lídia viesse ao salão nobre.

E, imediatamente, ela reconheceu Ademir. Ele agora parecia efetivamente um nobre!

- Senhor Ademir! Pensei que não estivesse mais no reino! Disse a Princesa Lídia emocionada.

- Eu sempre estive aqui, senhora! Princesa Lídia, eu tenho um presente para lhe dar! No pátio do castelo está Trovão à sua espera! Eu o comprei de volta. O coitado estava sendo usado por um carroceiro em um duro trabalho. Mas, ele continua lindo e com a sua sela na cor vermelha! Disse Ademir.

A Princesa Lídia não esperou nem um segundo e correu em direção ao pátio do castelo para rever Trovão!

Ela o abraçou chorando e ele relinchava, demonstrando que a tinha reconhecido.

- Senhor, eu tenho mais um pedido! Um pedido muito especial para a minha vida! Disse Ademir.

- Mais um pedido? O senhor já está levando o castelo com tudo que tenho dentro. O que mais posso lhe dar? Respondeu o Rei Cláudio, indignado.

- Eu quero pedir a mão de sua irmã, a Princesa Lídia, em casamento! Respondeu Ademir.

- O que? A mão de minha irmã, a Princesa Lídia?

- Sim, alteza! Confirmou Ademir.

O Rei Cláudio olhou para Ademir e, de certa forma, o admirou. Ele o viu como um novo membro da corte.

Aquele homem, que soube lutar pela vida, honesto, trabalhador e que conseguiu acumular uma riqueza com sua perseverança e trabalho, seria o seu cunhado!

Isto lhe trazia um consolo à sua decisão de vender o castelo que seus pais tanto gostavam. Se a Princesa Lídia concordasse com o casamento, o castelo continuaria nas mãos da Família Real.

Apesar de arrogante, insensível com os problemas de outras pessoas, egoísta e optar por uma vida fácil, o Rei Cláudio teve este raro e único momento de reflexão e maturidade.

Ele demonstrava, pela primeira vez, bom senso e deixando-se levar por este sentimento de emoção...

Mas, em seguida voltou à sua personalidade normal:

- Eu não tenho nada a me opor! Se minha irmã concordar em se casar com um simples súdito artesão, esta é uma decisão exclusivamente dela!

Apesar de seu dinheiro, falta-lhe título de nobreza, você será sempre um camponês! Respondeu o Rei Cláudio.

- Alteza, de qualquer forma eu agradeço. E eu não me envergonho por não possuir nenhum título de nobreza. Ao contrário, me orgulho muito de ser um camponês! E, se a Princesa Lídia concordar, vamos nos casar e morar no castelo. E Sua Alteza pode morar conosco, se quiser! Disse Ademir, sempre com o seu coração aberto ao perdão.

- Agradeço, mas não aceito o convite. Eu sempre vivi no meio de nobres. Não me sentiria bem dividindo o ambiente com o artesão que cuidava dos meus cavalos! Com este dinheiro, eu vou aproveitar ainda mais a vida! Respondeu o Rei Cláudio, retirando-se.

- Que se faça a sua vontade, alteza! Respondeu Ademir, mantendo o seu controle, apesar das humilhações recebidas.

E antes que Rei Cláudio se retirasse, Ademir tinha uma retribuição a fazer:

- Alteza, pegue os seus doze grãos de milho de volta. E guarde-os com carinho. O senhor poderá precisar deles um dia...

O Rei Cláudio olhou para os doze grãos de milho com desprezo, mas os enfiou no bolso, retirando-se para sempre.

A Princesa Lídia voltou feliz após reencontrar Tufão:

- Senhor Ademir, muito obrigada pela surpresa. Tufão sofreu alguns maus tratos, mas continua muito elegante e bonito. Mas, onde está o Rei Cláudio? E o que é esta carta em cima da mesa?

O Rei Cláudio deixou assinada a carta de sua abdicação ao trono. Como era esperado, ele desistiu de ser o Rei do REINO AMARELO.

O Rei Cláudio havia se questionado: “Que rei sou eu? Sem castelo, sem soldados, sem corte, sem os empregados?”.

E Ademir respondeu à pergunta da princesa:

- Princesa Lídia, seu irmão deixará o castelo e acredito que eu poderia ser uma boa companhia para a senhora!

- Como assim? Respondeu a princesa.

Um pouco inseguro e encabulado, Ademir devolveu o lenço perfumado à princesa e arriscou a pergunta:

- Eu guardei o seu lenço perfumado há anos. O seu perfume ainda continua nele, da mesma forma que a senhora sempre continuou em meu coração. Eu não sabia se a senhora deixou cair o lenço por descuido ou...
- Ademir, não precisa mais me chamar de senhora... E quanto ao lenço, eu o deixei cair de propósito, na esperança de um dia recebê-lo de volta por suas mãos! Respondeu a princesa.
- Bem... humm... humm, desculpe! Mas, eu tenho uma pergunta para fazer a você Lídia - você aceitaria, digo, gostaria..., quero dizer..., você imaginaria se casar comigo? Mas, olhe..., se não quiser pode ser franca..., eu vou entender..., eu sei que não sou nobre..., eu posso muito bem continuar com minha vida de camponês..., eu sempre serei seu súdito fiel..., eu sei que estou sendo atrevido..., eu sempre estarei do seu lado para o que precisar..., eu posso continuar cuidando de Trovão..., me desculpe mais uma vez...

A Princesa Lídia ouvia e achava graça do jeito embaraçado de Ademir e, interrompendo o seu modo tagarela e nervoso de falar, deu-lhe um suave beijo de amor!

Era uma forma de dizer 'sim' ao pedido de casamento feito pelo Ademir.

Os cinco dias se passaram, O ex-Rei Cláudio mudou-se para um local longe do castelo, onde comprou uma linda casa, levando as suas 50.000 moedas de ouro e os 12 grãos de milho.

A Princesa Lídia foi proclamada a Rainha do REINO AMARELO e caberia a ela a regência de todos os assuntos do reino.

A Rainha Lídia seguiu todos os ensinamentos do seu querido e saudoso pai, o Rei Eduardo. Ela tratava todos os súditos com justiça e humanidade. Além disto, passou a dar todo apoio à produção da maior riqueza do reino - o milho.

O reino aos poucos voltava ao seu esplendor. As plantações de milho se espalhavam pelos campos, o comércio voltava a funcionar, os artesões tinham muito serviço para fazer.

Os camponeses que haviam se mudado para outros reinos, voltavam para suas casas, felizes de retornarem ao reino que tanto amavam.

Todos os súditos foram convidados para a grande festa de coroação da Rainha Lídia no castelo.

A alegria e felicidade voltaram aos lares dos camponeses, súditos do reino.

E foi na cerimônia de coroação que a Rainha Lídia surpreendeu todos com a notícia:

- Queridos cidadãos do REINO AMARELO! Eu gostaria de anunciar que aceitei o convite de casamento do Ademir! Ele será o novo Rei Consorte!

Pelas regras da nobreza do REINO AMARELO, se chamaria de Rei Consorte o marido da rainha, se isto acontecesse um dia.

Todos aplaudiram e apoiaram o novo casal real. O casamento da Rainha Lídia com o Rei Consorte Ademir foi realizado na primavera, retomando a tradicional festa anual da colheita e plantio de uma nova safra de milho.

E os dois foram felizes para sempre, ao lado de duas crianças que nasceram deste casamento - o Príncipe Carlos e a Princesa Tatiana.

E sete anos se passaram. O Príncipe Carlos e a Princesa Tatiana cresciam saudáveis e inteligentes. E eram crianças muito boas, seguindo a educação humana e gentil dada por seus pais. Eles aprendiam a ser nobres, mas com humildade e verdadeiros valores de vida.

Em uma tarde, a Rainha Lídia e o Rei Consorte Ademir olhavam seus dois filhos brincarem na grama do castelo:

- Sabe, Ademir. Quando vejo nossos dois filhos brincando, crescendo saudáveis, eu me sinto muito bem e realizada como mãe! Disse a rainha.

- É verdade. Eles gostam muito um do outro, se dão bem. O Príncipe Carlos será um grande rei no futuro! Respondeu o rei consorte.

- Nestes momentos, eu me lembro de meu irmão Cláudio. Meus pais Eduardo e Sílvia tinham grande orgulho dele. Eles costumavam se sentar bem aqui onde estamos e se divertiam com nossas brincadeiras. E ele disse exatamente o que você acabou de dizer - O Príncipe Cláudio será um grande rei um dia! Continuou a Rainha.

- Lídia, como era seu irmão Cláudio de pequeno? Quis saber Ademir.

- Ele sempre foi um bom menino. Era alegre, inteligente, gostava de estudar, era amável com as pessoas e cuidava dos animais do castelo. Respondeu a rainha.

- Mas, como ele pode ter mudado tanto? Perguntou Ademir intrigado.

- Ele começou a mudar na adolescência e, principalmente, quando completou a maioridade. Ele conheceu outros rapazes, príncipes e nobres, de outros reinos, boas e más pessoas. Mas, ele desenvolveu amizades com os maus príncipes e nobres. Com o tempo, foi se esquecendo de suas origens, se desinteressando pelos estudos. Ele só queria saber de se divertir. Ele se voltou, cada vez mais, para uma vida inútil e fútil. Aprendeu a ser arrogante, desprezar as pessoas que não eram nobres. Só queria saber de festas, tomar muito vinho e se embriagar, passear a cavalo, apostar dinheiros em jogos e até caçar os pobres animais silvestres do reino. Assim, foi se perdendo cada vez mais e se tornou a pessoa que você conheceu. Respondeu a rainha não escondendo sua tristeza.

- Agora entendo! Ele se deixou contaminar pelas más companhias! Eu posso imaginar a tristeza de seus pais! Concluiu Ademir.

- Meu pai e minha mãe sofreram muito com isto. Eles fizeram de tudo para mudar este comportamento do Cláudio, mas não conseguiram. Mas, eu tenho muitas saudades dele, mesmo assim. Ele não tem dado notícias nestes últimos anos, não conhece seus sobrinhos, não me procurou mais! Disse a Rainha.

E quanto ao ex-Rei Cláudio, começou a correr a notícia no reino que ele continuava gastando sua fortuna da venda do castelo com festas, luxo, viagens, diversões, mantendo uma vida inútil e improdutiva, confirmando o ditado popular - “Pau que nasce torto, morre torto!”.

Ele gastava desordenadamente e suas 50.000 moedas de ouro estavam chegando ao fim.

Estas notícias chegavam ao conhecimento da sua irmã, Rainha Lídia:

- Ademir, precisamos descobrir onde está meu irmão Cláudio e ajudá-lo. Quem sabe ele ouvirá e seguirá melhor meus conselhos agora!

O Rei Consorte Ademir solicitou aos soldados que fizessem uma busca em todo o reino e descobrissem o paradeiro do ex-Rei Cláudio.

Assim que tiveram notícias, Ademir e Lídia foram à sua procura.

Após algumas horas de viagem em sua carruagem real, seguidos por vários soldados, o casal real chegou próximo da uma casa simples feita com toras de madeira.

Eles desceram da carruagem, um pouco distante da pequena casa, e seguiram em sua direção a pé, pedindo aos soldados que ficassem próximos da carruagem.

Eles queriam estar sozinhos com o ex-Rei Cláudio.

E a Rainha Lídia e o Rei Consorte Ademir tiveram uma grande surpresa que o deixaram em estado de choque!

Eles avistaram o ex-Rei Cláudio trajando roupas de camponês, vivendo uma vida simples e na pobreza. Ele tinha gasto todas suas moedas de ouro e até vendido sua nova casa. Novamente, perdeu tudo que tinha na vida.

Ignorando a presença de sua irmã e de seu cunhado, o agora camponês Cláudio estava lavrando a terra e plantando os dozes grãos de milho que recebera de Ademir...

Sua irmã Lídia quis gritar o seu nome, avisando-o de sua presença. Mas, foi aconselhada por Ademir para não chamar por ele e deixá-lo em paz:

- Lídia, o Cláudio, agora, deu seus primeiros passos para conhecer os verdadeiros valores de vida. Deixe-o prosseguir em seu trabalho. Tenho a certeza de que ele terá perseverança e colherá muitos grãos de milho deste seu plantio. Ele está conseguindo ganhar o pão com o suor de seu rosto. Ele valorizará os frutos de seu trabalho e, com certeza, acumulará suas moedas de ouro. Um dia, ele voltará a comprar seu próprio castelo...

A Rainha Lídia deixou cair lágrimas de tristeza de seus olhos azuis. Mas, concordou com Ademir. Lentamente, os dois voltaram para a carruagem e partiram em direção ao castelo. De longe, podiam ouvir Cláudio lavrando a terra, plantando suas sementes de milho e cantando em voz tão alta que até os pássaros silenciaram.

- Sabe, Lídia. A vida é assim mesmo. É como diz outro ditado: “Se você não aprende com o amor, aprende com a dor”.

FIM